

Fiesta!

Dia: Terça-feira, 15 de janeiro de 2019
n.º 173

Fiesta!

ACTUALIDADE SOCIAL MADEIRENSE n.º173 Mensal • 15 Janeiro 2019



dançando com a diferença
Entrevista Henrique Amoedo



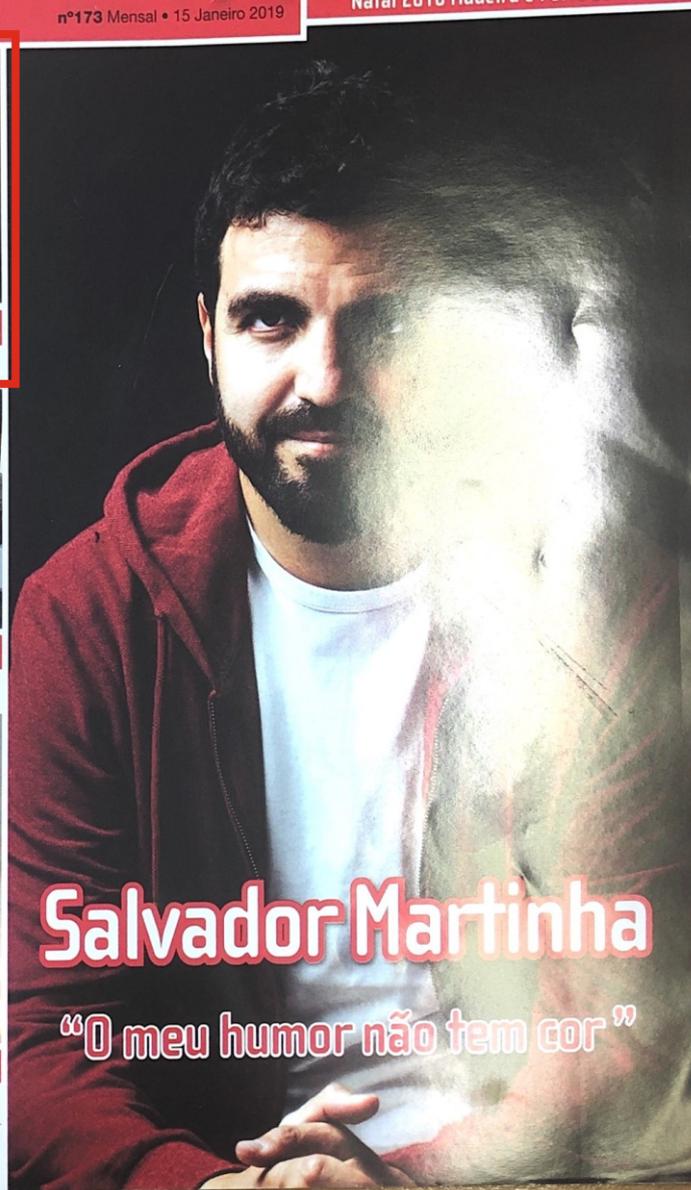
jantar de NATAL
Associação Barmen Madeira



MOMENTOS DDIAITE
"Sunrise"



5 602930 004490 n.º173 Mensal
15 Janeiro 2019 • €2,50



Pág: CAPA

Fiesta!

Dia: Terça-feira, 15 de janeiro de 2019
n.º 173

Fiesta!

Henrique Amoedo

“O nosso trabalho
de consciencialização
está sempre a acontecer”



©Júlio Silva Castro
ENDLESS (de Henrique Amoedo) no Festival Literário da Madeira, em 2016.
2016 – Teatro Municipal Baltazar Dias – Funchal

Tudo começou há mais de vinte anos quando o coreógrafo brasileiro criou o conceito de dança inclusiva na sua dissertação de mestrado. A ideia deu frutos e já na Madeira, em 2001 e ao serviço da Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação da Secretaria Regional de Educação e de Cultura, lança o projeto pioneiro. Em 2007, com a criação da Associação dos Amigos da Arte Inclusiva surge o grupo de jovens bailarinos especiais encantadores de palcos. O Dançando com a Diferença comprovou a sua eficiência e disseminou o conceito de Dança Inclusiva, primeiro na Madeira depois no continente português e em diferentes países europeus e da América do Sul. Realizou no estrangeiro, espetáculos em mais de 50 cidades de 17 países diferentes. Atualmente, o grupo conta no seu repertório com mais de uma vintena de coreografias e criações dos mais importantes coreógrafos contemporâneos, os quais nunca haviam experienciado o facto de, criarem coreografias para um elenco que integra pessoas com diferentes tipos de deficiência. “Desmanchar o medo e confrontar os limites, os deles e os meus” foi uma das frases de Clara Andermatt, para definir a sua peça “Levanta os Braços como Antenas para o Céu”, de 2005, dançada até a atualidade pelo grupo e sendo a obra que mais vezes foi apresentada e permanece há mais tempo em programação por uma companhia de dança. Dez anos depois de iniciar a sua trajetória artística, o Dançando com a Diferença atingiu a sua maioridade artística com “Desafinado”, espetáculo coreografado por Paulo Ribeiro e que foi considerado pelo semanário Expresso como a segunda melhor coreografia apresentada em Portugal no ano de 2011. Para além das suas atividades no âmbito artístico, a Associação dos Amigos da Arte Inclusiva, onde o grupo Dançando com a Diferença se inclui, tem colaborado e participado em diferentes ações de âmbito educacional em Portugal e no estrangeiro com o objetivo de disseminar as suas boas práticas de inclusão através da arte de dançar. O desenvolvimento de projetos específicos, em parceria com diferentes instituições públicas ou privadas, nacionais e estrangeiras, também se reveste de grande importância para o desenvolvimento artístico dos membros do grupo e da consolidação nacional e internacional do conceito de Dança Inclusiva. Mas tudo isto só ficará completo quando, conforme diz Henrique Amoedo na página oficial do grupo, “bailarinos com corpos diferentes forem aceites em todas as companhias de dança pelas suas qualidades artísticas e esta diferença não for mais alvo de tantos estudos e atitudes incredulas”. Segue a entrevista ao diretor artístico do Grupo Dançando com a Diferença, Henrique Amoedo.

• Dulcina Branco • Fonte/Fotos: Arquivo Dançando com a Diferença, Carlos Fernandes, Júlio Silva Castro e Raquel Freire.

Henrique, que balanço é que faz a estes anos do grupo Dançando com a Diferença? O que é destacaria?

- São inúmeras as ações desenvolvidas pelo Dançando com a Diferença, todas tendo como base o conceito de Dança Inclusiva, apresentado pela primeira vez na dissertação de mestrado que concluí em 2002. A transformação da imagem social das pessoas com deficiência através da Dança, uma das componentes do referido con-

ceito, talvez seja a parte mais visível e importante desse todo que é muito mais amplo. Amplo porque envolve diferentes públicos e contextos. Trabalhamos com crianças, jovens, adultos, seniores. Temos duas bases de trabalho, a central na Madeira e um núcleo em Viseu. Apresentamos os nossos espetáculos em teatros em Portugal e no estrangeiro, ou seja, são diferentes frentes de ação que talvez consigam dar uma noção da amplitude a que me refiro. Com o



©Carlos Fernandes
Henrique Amoedo no Teatro Viriato durante o projeto Dançando com a Diferença – ROAD, uma das iniciativas que deu origem ao Dançando com a Diferença – Viseu 2014 – Teatro Viriato – Viseu



©Arquivo Dançando com a Diferença
Alguns dos intérpretes da primeira coreografia do Dançando com a Diferença; no chão (da esquerda para a direita): Teresa Martins, Teresa Camps, Elsa Freitas e Telmo Ferreira; atrás (da esquerda para a direita): Sónia Gouveia, José Manuel Figueira, Ricardo Mendes, Claudia Filipa Freitas. 2002 – Madeira Tecnopolo – Funchal



©Júlio Silva Castro
Henrique Amoedo. Ao fundo, máscaras da coreografia BICHOS [de Rui Lopes Graça]. 2016 – Mudanças. Museu de Arte Contemporânea da Madeira – Calheta

Dançando com a Diferença conseguimos trabalhar em diferentes frentes. Num primeiro momento, todo o trabalho centra-se num círculo mais reduzido, onde estão somente os nossos intérpretes. Depois este círculo é alargado e chega aos seus familiares mais próximos. No passo seguinte, alargando ainda mais, inicia-se a relação com os diferentes agentes do tecido artístico que trabalham conosco. É como se de uma onda de choque se tratasse. Vai crescendo e se espalhando, atingindo diferentes pessoas, de diferentes setores. Então, o balanço, de uma forma geral, não poderia ser mais positivo. No todo nacional, havia uma realidade em 2001 e hoje, considerando o universo da participação das pessoas com deficiência no âmbito da Dança, há um quadro completamente diferente. Não tenho dúvida alguma que o nosso trabalho tem contribuído (e muito) para a transformação desta realidade em todo o país. A nossa maior contribuição está em fazer perceber que se pode produzir espetáculos, excelentes do ponto de vista artístico (e com tudo o que isso acarreta), tendo em cena elencos compostos por pessoas com e sem deficiência. **O grupo congrega muitas pessoas. Quem são, o que fazem...**

- Sim. É uma estrutura ampla, onde muitas peças devem funcionar conjuntamente para o todo seja capaz de atingir diferentes objetivos. Há pessoas que estão a maior parte do tempo no escritório e são as responsáveis pela gestão da estrutura (produção, contabilidade, serviços administrativos, comunicação e marketing). Depois há outros que preparam o seu trabalho no escritório, mas têm a sua aplicação no terreno. São os monitores responsáveis pelas ações educativas e ensaios que desenvolvemos quotidianamente. Há a particularidade de termos ações (e pessoas) na Madeira e em Viseu, com o Dançando com a Diferença – Viseu, que desenvolvemos numa parceria com o Teatro Viriato e apoio do Município de Viseu através do Conselho Local de Ação Social (CLAS – Viseu). Por fim, há os intérpretes dos diferentes grupos existentes, seja na Madeira ou em Viseu. Se



Arquivo Dançando com a Diferença
Dançando com a Diferença – Viseu no Teatro Viriato 2019 – Teatro Viriato – Viseu



Julio Silva Castro
Bernardo Graça e Isabel Gomes Teixeira em DOESDICON, coreografia de Tânia Carvalho. 2017 – Mudanças. Museu de Arte Contemporânea da Madeira – Calheta



Arquivo Dançando com a Diferença SÉNIOR
Dançando com a Diferença – Sênior / Ginásio de São Martinho em ensaio 2019 – Ginásio de São Martinho – Funchal

fosse citar o nome de todos teríamos uma imensa lista porque considero o todo um núcleo duro. Por fim, não poderia deixar de referir uma parte muito importante deste núcleo duro, nomeadamente as instituições públicas e empresas que apoiam o nosso trabalho, para além do público que nos acompanha e alimenta quotidianamente. A relação com o público é primordial e tentamos mantê-la de uma forma muito próxima. Há uma grande interação nos espetáculos e também através dos nossos canais nas diferentes plataformas digitais (facebook, instagram, vimeo e youtube).

Qual o aspeto que considera ser o mais desafiante do vosso trabalho, do trabalho do grupo?

- O mais desafiante é reinventarmo-nos a cada dia, tendo uma mesma base e pensando nas diferentes direções em que caminhamos. Desafiante é encontrar formas de espicaçarmos a nós próprios de forma prazerosa e criativa quotidianamente. Se olharmos para fora da nossa realidade, desafiante é recomeçar sempre. Digo-o porque o nosso trabalho de consciencialização está sempre a acontecer e por mais que o façamos parece que nunca chegamos a concluí-lo. É importante dizer que acho muito bons os desafios. Não os vejo de forma negativa.

O que é que vos falta fazer? O que é que ainda não concretizou mas gostaria de vir a concretizar? - Faltam tantas coisas. Ainda há muito por fazer. Há um grande desafio, neste momento, que é o de fazer a gestão adequada do crescimento da nossa estrutura. Temos que continuar a crescer, é um facto, mas não podemos perder as nossas bases. Nunca podemos deixar de ter em conta as pessoas que fazem connosco este trabalho. O nosso crescimento não pode nos tornar menos humanos e mais distantes das pessoas. Dançar com a diferença é considerar a individualidade de todos os que estão connosco. Considerar cada pessoa como ser único e desta unidade conseguir obter o que há de melhor para cada criação artística e fazer, quando possível, que este melhor também possa ecoar nas



©Júlio Silva Castro

No Mudar - Museu de Arte Contemporânea da Madeira, local de residência do Dançando com a Diferença, com o elenco da estreia da coreografia ENDLESS [de Henrique Amoedo]. 2012 - Mudar. Museu de Arte Contemporânea da Madeira - Calheta

suas vidas, no quotidiano. Temos que ser capazes de crescer sem perder o essencial daquilo que somos. Também temos que continuar a trabalhar para que sejam encontrados mecanismos legais para haja reconhecimento académico das atividades desempenhadas por todos os que estão connosco. Os baixos índices de qualificação académica das pessoas com deficiência são uma realidade e penso que não podemos desperdiçar todo o processo de capacitação artística que recebem no Dançando com a Diferença. Seria bom para os nossos intérpretes, num primeiro momento, mas muitas outras pessoas e depois o próprio país beneficiariam com esta realidade. Ainda nos falta conseguir concluir este longo trabalho. E também nos falta fazer uma grande digressão pela Ásia. Vamos gostar muito! ♦♦



©Raquel Freire

Fotograma de Raquel Freire da coreografia HAPPY ISLAND (de La Ribot). 2018 - Parque Natural da Madeira - Fanal